



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS



O PAPEL DA MULHER ÁRABE NOS CONFLITOS:
DE INCENTIVADORA À APAZIGUADORA

Michele Ferreira de Oliveira

Rio de Janeiro
2024

MICHELE FERREIRA DE OLIVEIRA

O PAPEL DA MULHER ÁRABE NOS CONFLITOS:
DE INCENTIVADORA À APAZIGUADORA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na
habilitação Português/ Árabe.

Orientador: Prof^ª. Doutora Suely Ferreira Lima

RIO DE JANEIRO
2024

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

0048p Oliveira, Michele Ferreira de
O papel da mulher árabe nos conflitos: de
incentivadora à apaziguadora / Michele Ferreira de
Oliveira. -- Rio de Janeiro, 2024.
36 f.

Orientador: Suely Ferreira Lima.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Bacharel em Letras: Português - Árabe,
2024.

1. Mulher árabe. 2. Pré-islamismo. 3. Conflitos.
4. Murw'a. 5. Virilidade feminina. I. Lima, Suely
Ferreira, orient. II. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

MICHELE FERREIRA DE OLIVEIRA

DRE: 116041756

O PAPEL DA MULHER ÁRABE NOS CONFLITOS:
DE INCENTIVADORA À APAZIGUADORA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na
habilitação Português/ Árabe.

Data de avaliação: ____/ ____/ ____

Banca Examinadora:

_____ NOTA: _____

Nome completo do Orientador – Presidente da Banca Examinadora

Prof^a. Suely Ferreira Lima, Doutora, UFRJ

_____ NOTA: _____

Nome completo do Leitor Crítico

Prof^a. Paula da Costa Caffaro, Doutora, UFRJ

MÉDIA: _____

Assinaturas dos avaliadores: _____

A Deus, pois sem Ele eu nada seria, aos meus avós e aos meus pais, minha eterna dedicação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pela força e sabedoria que me concedeu até aqui, sem Ele eu não seria capaz de concluir minha graduação e nem este trabalho, pois foram muitas as adversidades durante todo o processo acadêmico. Em segundo, toda minha gratidão aos meus pais, minha mãe Rosângela e meu pai Antonio, por todos os sacrifícios, dedicação e incentivo aos meus estudos, desde o início da minha vida escolar até a universidade, principalmente durante os inúmeros dias e noites em que passei dedicada a esta pesquisa.

Agradeço também à minha orientadora Prof^ª. Dra. Suely Ferreira Lima, professora do Setor de Estudos Árabes da Faculdade de Letras da UFRJ, por aceitar o convite para me guiar durante todo o processo de preparação desta pesquisa, também por sua paciência, seus conselhos e orientações técnicas. Suas palavras de incentivo e confiança no meu potencial me ajudaram a manter o foco e continuar no caminho certo. Também agradeço à Prof^ª. Dra. Paula da Costa Caffaro, por aceitar ser a leitora crítica deste trabalho e ter contribuído no meu processo de aprendizagem na graduação de Letras: Português-Árabe. Quero expressar também minha eterna gratidão aos demais professores do corpo docente do Setor de Estudos Árabes, aos quais tive a honra de ser aluna, por terem me impulsionado a não parar de querer aprender sempre mais sobre essa Língua tão complexa e ao mesmo tempo apaixonante, sobre a Literatura e também a Cultura Árabe, em especial a Prof^ª. Dra. Bianca Graziela S. Gomes da Silva, Prof^ª. Dra. Célia Daniele e Prof. Me. Aline Oliveira, que por muitas vezes compreenderam minhas limitações no processo de aprendizagem, e me acolheram com empatia, e tornaram meus dias letivos menos maçantes, com suas aulas calorosas e super didáticas.

Não poderia deixar de externar minha gratidão aos amigos da UFRJ que me ajudaram de alguma forma durante todos esses anos, em especial Madalena, minha caloura querida que se tornou mais que uma colega do curso de Árabe, e levo para a vida além da UFRJ. Heloísa, uma querida colega do curso de Literaturas que foi minha parceira em vários períodos, fazendo inúmeras disciplinas e trabalhos em conjunto, além de dividir seu conhecimento comigo, muitas vezes me salvou, revisando meus trabalhos acadêmicos de bom grado. Bruno, meu fiel caroneiro e conselheiro acadêmico. Uma amizade improvável entre um pós-graduando de Engenharia Química e uma aspirante a Bacharel em Letras: Português-Árabe. Elen Fernanda, também uma querida colega do Árabe, que tive a oportunidade de conviver

além do universo da Letras e se tornou minha principal incentivadora a retornar a vida fitness, o que me ajudou muito no processo criativo para confecção deste trabalho e a aliviar a ansiedade da reta final da graduação e da confecção da monografia. E Tays Paulino, outro presente que o curso de Árabe me deu, e em nossas conversas podemos compartilhar uma com a outra nossas experiências acadêmicas, de vida, nossas ansiedades e alegrias em relação a nossa formação, assim como os outros amigos aqui citados, e outras colegas da faculdade não citadas, as quais pude dividir um pouco das minhas angústias e expectativas em relação a todo esse processo árduo, também algumas frustrações, mas que no final parece ter se resolvido.

Há também os amigos fora dos “muros” da universidade, que me ajudaram de inúmeras formas a chegar até aqui. Faço menção à Cleuza, pelos conselhos sobre organização do trabalho acadêmico, pelo acolhimento e apoio moral sempre, mesmo em meio a suas próprias lutas diárias e à Tereza, uma inspiração, a quem tenho uma enorme gratidão por ter me ajudado a manter os pés no chão, com suas broncas e acolhimento nos meus momentos de medo e insegurança de não atingir meus objetivos e expectativas durante a confecção da minha monografia. Agradeço também ao meu querido amigo Sidnei, por sua disponibilidade e paciência em me auxiliar, com seus conhecimentos gramaticais e informáticos, na revisão da dissertação mais de uma vez, assim como minha amiga Tereza. Agradeço também à Alessandra, a melhor vizinha do mundo, por me ajudar, com seus conhecimentos em inglês, na revisão do Abstract. E por fim, não poderia deixar de externar minha eterna gratidão a minha sempre querida Prof^a Elizieth Candido, minha professora do primário que sempre me estimulou a voar alto e torceu pelo meu sucesso.

Há algumas outras pessoas a quem estimo muito e que gostaria de citar aqui, mas faltariam linhas para citá-las, então desejo que um dia eu consiga retribuir todo o carinho e incentivo que cada uma delas me dedicou. Cada palavra positiva fez uma diferença enorme na minha caminhada e peço a Deus que todas consigam alcançar seus sonhos assim como eu estou na busca por realizar os meus.

TABELA DA TRANSLITERAÇÃO UTILIZADA NESTA DISSERTAÇÃO

LETRA (Árabe)	TRANSLITERAÇÃO (Português BR)	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA (IPA)
ء	'	[ʔ]
ا	ā	[a:]
ب	b	[b]
ت	t	[t]
ث	ṭ	[θ]
ج	j	[ʒ] / [dʒ] / [g]
ح	ḥ	[ħ]
خ	ḫ	[x]
د	d	[d]
ذ	ḏ	[ð]
ر	r	[r]
ز	z	[z]
س	s	[s]
ش	š	[ʃ]
ص	ṣ	[s]
ض	ḏ	[ð]
ط	ṭ	[t̪]
ظ	ḏ	[ð̪]
ع	ʿ	[ʕ]
غ	ġ	[ɣ]

ف	f	[f]
ق	q	[q]
ك	k	[k]
ل	l	[l]
م	m	[m]
ن	n	[n]
ه	h	[h]
و	w/ū	[w] / [u:]
ي	y/ī	[j] / [i:]
ى	à	[a:]
أ	u	[u]
آ	a	[a]
إ	i	[i]

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo comparar o papel da mulher árabe pré-islâmica – com relação aos muitos conflitos existentes na sociedade tribal de então – e o papel da mulher árabe contemporânea, conforme retratado no filme “E agora, aonde vamos?” (2011), da cineasta, diretora e atriz libanesa Nadine Labaki. A pesquisa busca evidenciar uma mudança no papel da mulher nos dois períodos em análise. De incentivadora dos conflitos no período pré-islâmico a mulher se transforma em apaziguadora nos tempos mais modernos. Entende-se o filme de Labaki como um recorte da mulher e da sociedade árabe contemporânea. Em “E agora, aonde vamos?”, encontramos as mulheres de uma aldeia remota do Líbano, preocupadas em manter seus homens distantes da guerra civil que ocorria na cidade. Elas fazem de tudo para evitar que seus homens cheguem às vias de fato e matem uns aos outros, motivados por suas diferenças. Pretende-se discutir esse processo de transformação levando em conta o conceito da *murw’a*, que está associado à ideia virilidade, que neste caso, reveste-se de um caráter moral e não sexual, a plenitude e perfeição humana e não se liga exclusivamente a um gênero ou outro. Discutindo o conceito de “*murw’a*” (MUSSA, 2003/2006, STETKEVICH, 1993, EL-SAADAWI, 2002), esta pesquisa visa levantar possíveis questões que justifiquem essa mudança e mostrar que, no período pré-islâmico, as questões de gênero eram mais bem resolvidas que na atualidade, e que mesmo havendo uma mudança de postura no processo de evolução do gênero feminino, elas ainda possuem a mesma virilidade de antes.

Palavras chave: mulher árabe; pré-islamismo; conflitos; *murw’a*; virilidade feminina.

ABSTRACT

This paper aims to compare the role of pre-Islamic Arab women - in relation to the many conflicts that existed in tribal society at the time - and the role of contemporary Arab women, as portrayed in the film "Where Do We Go Now?" (2011), by Lebanese filmmaker, director and actress Nadine Labaki. The research seeks to highlight a change in the role of women in the two periods under analysis. From encouraging conflict in the pre-Islamic period, women have transformed into peacemakers in more modern times. Labaki's film is understood as a snapshot of contemporary Arab women and society. In "And now, where do we go?", we encounter the women of a remote village in Lebanon, concerned with keeping their men away from the civil war occurring in the city. They do everything in their power to prevent their men from resorting to violence and killing each other, motivated by their differences. This study intends to discuss this process taking into account the concept of murw'a, which is associated with the idea of virility, herein understood in a moral rather than sexual sense, embodying human fullness and perfection and not exclusively linked to one gender or another. By discussing the concept of "murw'a" (MUSSA, 2003/2006, STETKEVICH, 1993, EL-SAADAWI, 2002), this research aims to raise possible questions that justify this change and demonstrate that, in the pre-Islamic period, gender issues were more effectively addressed than they are today, and that despite a change in attitude in evolution of the female gender, they still possess the same virility as before.

Key words: Arab women; pre-Islamism; conflicts; murw'a; female virility.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
Capítulo I: Vida da mulher no período pré-islâmico.....	14
1- Costumes, direitos e deveres, vida em família e trabalho.....	14
2- A Murw'a.....	17
3- O papel da mulher nos conflitos pré-islâmicos e a poesia feminina.....	18
Capítulo II: Comparando a mulher árabe em dois momentos: no período pré-islâmico e nos dias atuais através de um recorte cinematográfico, religioso e social.....	24
1- "E agora, aonde vamos?" (Sinopse - análise crítica).....	24
2- Evolução do pensamento feminino: A mulher como ser pensante, político e social.....	25
Capítulo III: Hipóteses para essa mudança de pensamento feminino em relação aos conflitos.....	28
1- A influência do Islã: o surgimento da nova religião e sua expansão.....	28
2- O surgimento do fundamentalismo religioso, o Islamismo.....	30
Algumas considerações finais.....	33
Referências bibliográficas.....	35
Referências bibliográficas sugeridas.....	35

INTRODUÇÃO

Ainda nas aulas sobre as *poetas árabes pré-islâmicas* em Literatura Árabe VI, começou a surgir as primeiras reflexões e interrogações sobre a curiosa postura e responsabilidades das *mulheres árabes pré-islâmicas* em relação aos inúmeros conflitos, ao luto e a função social que exerciam na *sociedade tribal* pré-islâmica, e sobre a nossa visão orientalista sobre a mulher árabe de antes e de hoje. À medida que as aulas iam acontecendo, foi impossível não comparar o papel das mulheres árabes do passado com as do presente, era muito viva na minha memória a figura da mulher árabe contemporânea retratada no filme “E agora, aonde vamos?” (2011), de Nadine Labaki (cineasta, diretora e atriz), que com sua sensibilidade apurada foi capaz de abordar as diferenças entre o feminino e o masculino, e outros temas sensíveis dentro da sociedade árabe libanesa e comuns à comunidade árabe num todo, como os conflitos religiosos, conflitos políticos e a vivência do luto (como ele é vivido de forma diferente por cada gênero).

Assim, surgiu a ideia desta pesquisa de monografia, para a obtenção do bacharelado em Letras Português-Árabe, com o objetivo de comparar o papel da mulher e poeta árabe pré-islâmica – com relação aos muitos conflitos existentes na sociedade tribal de então – e o papel da mulher árabe contemporânea, utilizando a figura feminina conforme retratado no filme de Labaki (2011).

A pesquisa evidencia uma mudança no papel da mulher nos dois períodos em análise: de incentivadora dos conflitos a mulher se transforma em apaziguadora segundo uma visão obtida da obra cinematográfica. Ao meu entender, o filme de Labaki é uma metáfora que retrata a transformação da mulher contemporânea, porém não em sua totalidade, pois através de sua obra teremos apenas um recorte da sociedade árabe contemporânea.

O objetivo desta pesquisa é discutir esse processo de transformação levando em conta o conceito da *murw'a*, que está associado à ideia expressa pela raiz do verbo “*mar'a*”, “ser saudável; ser bom/útil para”, “ter traços femininos”, “ter qualidades viris”, (MUSSA, 2006: p.15) a virilidade, neste caso, reveste-se de um caráter moral e não sexual. “O conceito, portanto, tange a ideia de plenitude e perfeição do gênero humano” (MUSSA, 2006: p.15) e não se liga exclusivamente a um gênero ou outro. Sob esse prisma, esperava-se da mulher be-

duína as mesmas qualidades do homem em bravura, ousadia, coragem na guerra, lealdade tribal e hospitalidade. Assim, a mulher pré-islâmica desempenha um papel importante de incentivadora nos/dos conflitos na sociedade de sua época.

No filme (LABAKI, 2011) encontramos as mulheres de uma aldeia remota do Líbano preocupadas em manter seus homens distantes da guerra que ocorria na cidade. Usando artifícios nada convencionais, fazem de tudo para evitar que seus homens cheguem às vias de fato e matem uns aos outros, motivados por suas diferenças religiosas e ideológicas.

O Capítulo I tem como foco a vida da mulher no período pré-islâmico: os costumes, direitos e deveres, vida em família e trabalho, para um melhor entendimento do ponto de vista dessa mulher. A autora apresenta também o conceito de *murw'a*, a relação do conceito com as mulheres; e por fim, o papel da mulher nos conflitos pré-islâmicos e a poesia feminina.

O Capítulo II traz a comparação entre a mulher árabe do período pré-islâmico e a mulher árabe dos dias atuais através de um recorte cinematográfico, com a análise crítica do filme “E agora, aonde vamos?”, pesquisas relacionadas ao tema proposto, e hipóteses que poderiam justificar os argumentos iniciais da pesquisa, tais como evolução do pensamento feminino, a influência do Islã e fundamentalismo religioso.

Assim, a fim de discutir o conceito de “*murw'a*”, (MUSSA, 2003/2006, STETKEVICH, 1993, EL-SAADAWI, 2002) a presente pesquisa visa levantar possíveis questões para justificar essa mudança e mostra que, no período pré-islâmico, as questões de gênero eram talvez mais bem resolvidas que na atualidade. No final conclui-se que essas motivações influenciam tanto para o apaziguamento em relação à postura feminina diante dos conflitos, como para uma maior influência das mulheres no front.

Capítulo I

A vida da mulher no período pré-islâmico

1- Costumes, direitos e deveres, vida em família e trabalho

A mulher árabe sempre foi revestida de muitos estereótipos em relação às vestimentas, à postura moral, às características físicas, às crenças e intelecto. Sempre vista como um objeto exótico, inferiores, artística e intelectualmente, em relação ao homem, segundo Stetkevych¹ (1993), não só pelo olhar árabe, mas também pelo olhar orientalista. A ela também era imputada a expressão do “sentimentalismo feminino”. A mulher, segundo o texto de Stetkevych, ainda teria um papel limitado dentro da sociedade tribal, sendo designado a ela a responsabilidade do ritual da lamentação e da exposição do sofrimento pelos parentes caídos, através de poemas e atos ritualísticos de clamor pela morte deles ou da ofensa sofrida por eles, e a exigência da vingança até que de fato fossem vingados. Não se tem praticamente relato de *ritās*² que não fossem destinadas ao *guerreiro* (*fursān*), com idade e condições físicas para a batalha - mulheres em geral, mães, irmãs, esposas e filhas, não eram comemoradas nas elegias árabes pré-islâmicas. Pelo menos na tradição literária clássica árabe a única forma preservada de elegia feminina ou *gênero de poesia*, é a vinculada à obrigação incumbida à mulher de *lamentação, luto e incitação à vingança de sangue na batalha*.

A autora afirma que as mulheres *livres* ou *nascidas livres*, ou seja, *as parentes dos senhores e guerreiros* eram marcadas pelo confinamento e uso do véu durante a puberdade, como *sinal de status elevado ao longo de suas vidas*. Essa "proteção", "privacidade" e "modéstia" às diferia das mulheres cativas (*sabī*), e escravas (*amah*), que não eram isoladas e protegidas dos olhares e mãos maliciosas dos homens, ou seja, de violações. Essa privacidade e proteção seria uma forma velada de separar as classes de mulheres na tribo e evitar a vivência pública dessas mulheres, e como as elegias tinham uma *natureza essencialmente pública* eram vistas com indignação pelos parentes dessas mulheres livres, as que se dirigiam

¹ Em “The Mute Immortal Speak: Pre-Islamic Poetry and the Poetics of Ritual”.

² *Ritā'* é um gênero literário de poesia de louvor e lamento por ente querido morto.

ou eram referidas a elas *era virtualmente o equivalente a sedução ou estupro* (STETKEVYCH, 1993: p.166)³. É importante salientar *que o confinamento e a privacidade constituem, portanto, uma expressão de “pureza” ou, em termos rituais, agregação*, logo a mulher ser *expulsa* do seio familiar, ser exposta de qualquer forma ou se expor em público não era visto com bons olhos, até mesmo *falar em público* significava estar contaminada, impura. Somente em situações *rituais* como *da morte de um parente ou da guerra que as mulheres da classe guerreira têm uma voz pública*, sem serem consideradas impuras, pela importância sacral dos atos ritualísticos imputados somente a elas nessas ocasiões.

Diferente do que argumenta Stetkevych, Mussa (2003, p.168) apresenta outra visão sobre a sociedade tribal e sobre as árabes beduínas daquela época. Muito antes de serem pauta de indagações por grande parte da sociedade ocidental, por causa dos papéis que exercem, ou que a elas podem ser impostos pela sociedade árabe contemporânea, ele diz em seu artigo (2003), que essas mulheres já desempenhavam um papel relevante na sociedade árabe muito antes do surgimento do Islã. Já naquela época (no período pré-islâmica, que durou até 622 d.C), elas possuíam os mesmos deveres e direitos dos homens de suas tribos,

No período pré-islâmico os direitos eram praticamente os mesmos e a mulher não estava mais sujeita ao homem do que, por exemplo, se pode hoje observar numa sociedade como a nossa. Várias foram rainhas, como Zenóbia (ou Zeinab) e a própria Rainha de Sabá, ou como Mawiyad, aliada do Cesar de Bizâncio... (MUSSA, Süssekind, Dias, Azevedo, 2003: p.168)

e delas se esperava virilidade; lealdade; coragem e honra à sua tribo, tanto quanto se esperava dos homens.

Mussa ressalta que algumas até eram exímias negociantes e chefes de caravanas, como Hãdija, primeira esposa do Profeta do Islã, Muḥammad (570-632 d.C.). Também eram astrólogas e profetisas, como Sajah *que levou uma tribo inteira à apostasia, após a morte do Profeta* (p.168). Eram muito respeitadas, tinham suas vozes ouvidas. Inclusive na poesia, algo de muito valor para os árabes.

A poeta Al-khansã', veio a ser considerada pelo profeta do Islã, posteriormente à Jāhiliyyah⁴, *a maior dentre os poetas árabes* (p.168).

³ “it was virtually the equivalent of seduction or rape”.

⁴ Jāhiliyyah (ignorância) é o termo utilizado pelos árabes para designar o período antes do advento do Islã, o período pré-islâmico islâmico.

A tradição, tanto entre os árabes quanto entre os orientistas, é ver, especialmente nas elegias de al-Khansā', a poetisa Mukhadramah (isto é, uma ponte entre os períodos pré-islâmico e islâmico) que é o principal expoente do gênero de literatura feminina elegias (STETKEYVCH, 1993: p.161)⁵

As mulheres eram as principais incentivadoras dos conflitos da época. Em um período da história em que era comum a *vendeta*, onde os conflitos seriam apenas resolvidos através da *tahrīd* (vingança), a honra só era restabelecida depois do derramamento de sangue entre os rivais.

Lammens reconhece, antes de tudo, que as marāthī (elegias) entoadas pela mãe e pelas irmãs, e pela esposa, se ela não fosse de outra tribo, são lamentos ritualísticos e, além disso, que o chamado à vingança (*tahrīd*) é parte integrante da marāthī (elegia). (STETKEYVCH, 1993: p.161)⁶

Assim como os homens, elas também tinham o direito de escolher seu próprio cônjuge e se divorciarem se quisessem, embora, como menciona Mussa (2003, p.168), os jovens, tanto homens quanto mulheres, de famílias nobres já eram comprometidos de acordo com os interesses maiores de seus pais.

Diferente de hoje em dia, em que muitas sociedades islamizadas impõem o uso do véu, anteriormente ele não tinha uma função repressiva às mulheres. O véu era usado para proteger o rosto contra os efeitos negativos do sol forte do deserto "As beduínas prezavam muito pela pele branca" (MUSSA, 2003: p.169). Esse era o ideal estético da época, pois quanto mais clara fosse a pele, mais nobres eram consideradas. A pele escura estava associada à classe dos que trabalhavam sob o sol. O véu também protegia seus cabelos, sempre muito longos, das tempestades de areia. Evitava que a poeira impregnasse neles. Ele não era de uso exclusivo das mulheres; também era utilizado pelos homens, assim como o hábito de pintar o rosto. Mas além dessas duas utilidades, havia um teor sedutor no uso dele "O ato de desprender o véu e libertar um cabelo espesso, negro e perfumado, em contraste com o rosto branco 'como a lua em seu plenilúcio' [...] era gesto de carregado teor erótico." (MUSSA, 2003: p.169)

⁵ "The tradition, among Arabs and Orientalists alike, has been to see, especially in the elegies of al-Khansa3, the Mukhadramah (that is, bridging the pre-Islamic and Islamic periods) poetess who is the leading exponent of the genre of women's elegies".

⁶ "Lammens recognizes, first of all, that the marāthī (elegies) intoned by the mother and sisters, and by the wife if she was not from another tribe, are ritual lamentations and, further, that the call to vengeance (*tahrīd*) is an integral part of the marthiyah (elegy)".

O harém era um ambiente de convivência feminina, construído no interior do acampamento, para que pudessem estar mais à vontade. Não tinha a finalidade de ser um espaço repressivo "uma prisão". Era comum que fosse próximo ao poço, e era restrito, com certa tolerância, aos homens: servos e convidados estrangeiros não eram permitidos que circulassem pela tenda.

Um fato muito interessante sobre as mulheres árabes da época era sua presença nos conflitos, na guerra. Além de grandes incentivadoras, também eram bem atuantes no campo de batalha, mesmo que não necessariamente na linha de frente desses conflitos. Estavam sempre auxiliando seus homens no que precisavam. Eram responsáveis pela manutenção das armas, pelos cuidados dos feridos, alimentação e também eram elas a entoar os gritos de incentivo, de encorajamento aos guerreiros. Isso nos mostra que elas também tinham como os homens de apresentar as características presentes no conceito de "murw'a".

2- A Murw'a

Mussa (2006) discorre sobre *murw'a*, traduzida por ele para o português como *virilidade*, como a virtude do *ser humano perfeito*, virtude essencial do Árabe beduíno "o árabe não era árabe se não possuísse uma das três virtudes fundamentais do deserto: coragem, lealdade, generosidade". A murw'a era esperada de todos os beduínos, tanto dos homens quanto das mulheres "um senso elevado de dever e solidariedade". Tratava-se do código de conduta beduíno.

Seu conceito está associado à ideia expressa pela raiz do verbo "mar'a", "ser saudável; ser bom/útil para", "ter traços femininos", "ter qualidades viris", (MUSSA, 2006: p.15) logo, a virilidade neste caso, reveste-se de um caráter moral e não sexual. "O conceito, portanto, tange a ideia de plenitude e perfeição do gênero humano" (p.15) e não se liga exclusivamente a um gênero ou outro. Então, esperava-se da mulher as mesmas qualidades do homem em bravura, ousadia, coragem na guerra, lealdade tribal e hospitalidade.

Na batalha de al-Basūs, guerra que ocorreu entre dois clãs irmãos da tribo de Rabī'a: Bakr e Taglib (MUSSA, 2003), al-Basūs, que era do clã Bakr, foi impedida de prestar sua

hospitalidade e generosidade a um visitante estrangeiro por causa da falta de generosidade do xeque do clã Taghlib, Kulaib.

Contam que, quando ambos os clãs viviam juntos, Kulaib, xeque dos Taghlib, tinha reservado uma área de pasto exclusivamente para o seu rebanho, admitindo compartilhá-lo apenas com sua própria família. Ora, entre os Bakr havia uma mulher, al-Basus, tia de Jassas, cunhado de Kulaib. Certo dia, al-Basus hospedou em sua tenda um estrangeiro - Sad, filho de Shams - que trouxera com ele uma bela camela chamada Sarabi. Ocorreu que Sarabi se desgarrou da estaca aonde fora presa e se intrometeu entre os rebanhos de Kulaib. Este, vendo a intrusa, atirou uma flecha no úbere cheio de Sarabi, que caminhou de volta à tenda de al-Basus, esvaída em sangue. Desesperada, porque foi violado o direito sagrado de Sad à hospitalidade, al-Basus exigiu vingança contra Kulaib. Então, Jassas, sobrinho de al-Basus e cunhado de Kulaib, para lavar a honra da tia, emboscou e assassinou o xeque dos Taghlib. Assim começou uma guerra fratricida que durou quarenta anos e deu enorme quantidade de heróis e lendas à mitologia árabe. (MUSSA, Sússekind, Dias, Azevedo, 2003: p.166.)

3 - O papel da mulher nos conflitos pré-islâmicos e a poesia feminina

A poesia pré-islâmica ou elegia era exclusivamente beduína. Nela são glorificados os valores do herói beduíno, livre e guerreiro desde o nascimento. Foi através dela que ficaram registradas características da vida e da geografia do deserto.

Diferente dos homens que recitavam elegias de exaltação à vida nômade, às suas amadas, às paisagens do deserto e às suas inúmeras aventuras, cabia às mulheres recitar a súplica pelo amor impossível, impedido pela família ou pela morte, pela vingança da perda de seus parentes (ou do amado), feridos ou mortos em conflito, pela própria honra ou pela honra de seus familiares. O fato de possuir a *murw'a* impulsiona essa conduta da mulher beduína de incentivar os conflitos na sociedade tribal.

Como mencionado anteriormente, era delas o papel de estimular a *tahrīd* (vingança), de viver o luto por seus mortos e não deixar que eles fossem esquecidos, através de seu lamento nos ritos fúnebres e em suas elegias.

Seu papel era especialmente o do luto pelo ente - homem - assassinado e o de encorajar os outros homens da tribo à vingança pelo morto. A poesia dessas mulheres eram, pois, elegias, cujo pranto cessava-se apenas após a vingança ao morto tão eloquentemente elogiado. (PEREIRA, 2021: p.154)

As poesias femininas tinham um teor muito mais lamentoso, e eram verdadeiros clamores à justiça pela honra de seus homens feridos ou mortos em combate, eram elegias "cujo pranto cessava-se apenas após a vingança ao morto tão eloquentemente elogiado" (PEREIRA, 2021: p.154), ou elegias sobre os amores cerceados por motivos variados,

o *corpus* da poesia feminina, dominado como é por elegias para parentes caídos, testemunha ao mesmo tempo os delicados sentimentos e sensibilidades da feminilidade beduína e a inferioridade artística e intelectual das mulheres em relação aos homens. (STETKEVYCH, 1993: p.161)

As elegias faziam parte do ritual de luto feminino, tanto quanto, rasgar suas vestimentas; arranhar seus rostos; desgrenhar os cabelos; derramar areia sobre o rosto; e andar pela tribo aos prantos. Tal ritual era uma obrigação social da mulher, cabia somente a ela essa obrigação. Stetkevych (1993), apresenta suas críticas a essa obrigação do luto feminino, pois, segundo ela, essa obrigação deveria ser até a vingança pelo morto se cumprir, mas não era isso que ocorria, as beduínas acabavam sendo colocadas em uma posição de luto permanente, e deveria por si só já ser percebido “como uma lamentação pública obrigatória que foi ritualmente prescrita e serviu para expressar um estado tipicamente liminar maculado e, no entanto sagrado” (p.165), ou seja, o período do luto feminino não deveria ser perpetuado e sim, ser findado no momento em que a vingança fosse cumprida por seus parentes homens ou pela simples recitação da elegia.

Eram as elegias a garantia da imortalidade do morto. Não havia uma noção concreta sobre a eternidade da alma e vida após a morte. Como a escrita ainda não existia e suas canções e poemas eram orais, recitados por toda a tribo, ou seja, só era considerado eterno aquele o qual tinha seu nome eternizado nos poemas recitados pela tribo.

Não há registro de nomes de poetas femininas do período pré-islâmico até o momento. Os primeiros nomes que aparecem na Literatura árabe são a partir do período islâmico, datado a partir de 622 d.C⁷ e no califado Omíada.

A primeira poeta de valor é *Al-khansā'*, já citada anteriormente, que na verdade se chamava Tumāḍir bint 'Amr ibn al-Hāriṭ ibn al-Sharid al-Sulamya⁸, e viveu na Península Ara-

⁷ Desde o início da época islâmica, os muçulmanos datam os acontecimentos a partir do dia da emigração de Maomé de Meca para Medina, em 622 d.C.: essa emigração é conhecida em árabe como a hégira, e o modo habitual de referir-se aos anos muçulmanos nas línguas europeias é pelo uso das iniciais ah. (Hourani, 2006: p.6)

be aproximadamente entre o final do século VI e início do século VII, período marcado pelo final da Jāhiliyyah (a época de ignorância e idolatria), e o surgimento do Islã. Ela nasceu na região de Najd (região central da atual Arábia Saudita), no ano de 575 d.C. Era de uma família rica da tribo de Sulamya, e filha do chefe do clã al-Sharid. Morreu em 646 d.C, aos 70-71 anos (aproximadamente).

Segundo Sobh (2002)⁹ no ano de 629, ela foi para Medina junto a uma delegação enviada por sua tribo, lá se encontrou com o Profeta Muḥammad¹⁰, se convertendo¹¹ ao Islã com grande entusiasmo. Tumāḍir ganhou a alcunha de Al-Khansā' do profeta Muḥammad. Ela recebeu o apelido dado por ele, por causa de “seus grandes e bonitos olhos” (p.118). Al-khansā' significa “nariz empinado” ou “gazela”.

Sobh (2002) afirma que, quando jovem recusou-se a casar com o poeta e senhor do clã Yuṣam, da tribo Hawazin: Durayd ben aṣ-Ṣimma (falecido em 8/630). Casou-se com “um conhecido cavaleiro de sua tribo, chamado Mirdās ben Abi 'Āmir” (p.117), com quem teve quatro filhos: Yazīd, Um'āwiyah, 'Amr e 'Amrah, que foi poeta como ela. Seus filhos vieram a ser mortos na Batalha de Cadésia (15/637 d.C), uma das primeiras batalhas no período islâmico.

Sobh (2002) apresenta uma prosa waṣīyya/conselho, escrita por Al-Khansā' “dirigida a seus quatro filhos antes de ingressar nas fileiras dos muçulmanos para lutar na batalha de al-Qādisiyya (...), na qual ela lhes disse:” (p.118)

Meus filhos, vocês se tornaram muçulmanos por livre escolha e emigraram para Medina como uma opção muito boa. Juro por Deus - que ele seja exaltado! - que não há outro deus senão Ele, que todos vocês são filhos de um homem como são filhos da mesma mãe. Nunca traí seu pai, nem envergonhei seus tios maternos, nem manchei sua boa linhagem, nem sujei seu parentesco. Vocês sabem com certeza o que Deus tem para recompensar os muçulmanos com grande recompensa por sua luta contra os idólatras. Saibam que a Casa Divina Eterna

⁸ “تَمَاضِرُ بِنْتُ عُمُرُو بْنِ الْحَارِثِ السَّلْمِيَّةِ”.

⁹ Em “Historia de la literatura árabe clásica”.

¹⁰ A ele é dito ter ficado muito impressionado com sua poesia.

¹¹ Segundo os preceitos do Islã, todo ser humano nasce muçulmano mesmo que não seja crente durante toda sua caminhada, então, ao abraçar a fé islâmica, Al-khansā' estaria se *revertendo* (retornando) a fé. Por isso, melhor se aplicaria o termo *reversão* invés de *conversão*.

*é melhor que a Casa Mundana Transitória. Diz Deus - Glorioso e Exaltado - Ó povo que tem fé!, tenha paciência, persevere, lute e tenha medo de Deus, talvez você triunfe"; Quando se levantarem amanhã, ide lutar contra seu inimigo bem guiados e em Deus contra o seus inimigos apoiados.*¹² [Nossa tradução]

Reza a lenda “que um após o outro eles entraram em combate recitando versos e lutando, até que todos os quatro morreram” (SOBH, 2002: p.118).

Al-khansā’, ao saber da morte de seus quatro filhos, então disse:

*Louvado seja Deus que me honrou com sua morte e eu oro ao meu Senhor para que me junte a eles no descanso de sua misericórdia.*¹³ [Nossa tradução]

Ela teria se casado mais de uma vez durante sua vida (duas ou três vezes). Além dos quatro filhos citados anteriormente, teria tido mais dois. Todos os seis, poetas e convertidos ao Islã como ela.

Al-Khansā’ é considerada a poeta mais influente de seu tempo no campo da elegia. Ficou conhecida por suas elegias sobre a morte e o luto. A boa reputação se deu principalmente pelos poemas elegíacos compostos em homenagem a seus irmãos Sakhran e Muawiyah, mortos nos conflitos tribais entre os Banū Suleym e os Banū Murra e Banū Asad: Em 612, Muawiyah foi morto por membros de outra tribo. Al-Khansa’ insistiu que seu irmão caçula, Sakhran, vingasse a morte de Muawiyah, e assim ele fez, porém, Sakhran foi ferido em batalha e um ano após o ocorrido, em 615, morreu por consequência de seus ferimentos.

Infelizmente, depois de abraçar o Islã e se tornar uma muçulmana dedicada, entendeu não ser certo continuar a compor versos. Graças a estudiosos como o padre jesuíta libanês

¹² “¡Hijos míos!, vosotros os habéis hecho musulmanes por libre elección y habéis emigrado a Medina como muy buena opción. Juro por Dios - iensalzado sea! - que no hay otro dios salvo ÉL, que sois todos hijos de un solo hombre como sois hijos de la misma madre. Yo jamás he traicionado a vuestro padre ni he avergonzado a vuestros tios maternos ni he manchado vuestro buen linaje ni ensuciado vuestro parentesco. Sabéis con certeza lo que Dios dispone para premiar a los musulmanes con gran recompensa por su lucha contra los idólatras. Que sepáis que la Casa Divina Eterna es mejor que la Casa Mundana Transitoria. Dice Dios - Glorioso y Elevado - : ‘¡Oh, gente que tiene fe!, tened paciencia, aguantad, luchad y tened miedo de Dios, talvez triunféis!’; Cuando os levantéis mañana, id a combatir a vuestro enemigo bien guiados y en Dios contra sus enemigos apoyaos.”(p.118)

¹³ “لحمد لله الذي شرفني بقتلهم، وأرجو من ربي أن يجمعني بهم في مستقر رحمته”.

Luis Šyḥū¹⁴ (1859-1927) em seu livro *Marāṭi šawācir al'arab*¹⁵ / *Elegias das poetas árabes* (SOBH, 2002: p.118), seus poemas (dywān)¹⁶, *quase mil versos*, foram compilados e preservados, como os que citamos abaixo, no qual ela lamenta a morte de seu irmão:

*Cada nascer do sol me lembra Sakhran, e quando o sol se põe, eu sempre me lembro dele; Se não fosse a abundância dos que choram ao meu redor por seus irmãos, eu me mataria; Eles não choram ninguém tão valioso quanto meu irmão, no entanto, eu renuncio minha alma em consolo.*¹⁷ [Nossa tradução]

Outra poeta de grande valor foi *Laylā bint Lukayz* (483 d.C), originalmente chamada Laylā bint Lukayz ben Murra ben Asad "famosa por sua beleza e sua cultura" (SOBH, 2002: p.119), é uma das principais poetas árabes do período pré-islâmico (século V).

Acredita-se ter nascido no Norte da Arábia (onde hoje fica a região do Iêmen), na tribo de Rabī^ca, da família Nizār, porém, não se sabe sobre o ano de seu nascimento, só do seu ano de morte. Estudiosos como Šyḥū (1890), acreditam que Laylā tenha morrido por volta de 483 d.C (ق هـ 144). Em seu livro *Kitāb Shu'arā' al-Naṣrāniyya* / Livro dos Poetas Cristãos, o padre teria atribuído essa data de morte aproximada, como uma forma de localizá-la precisamente na história pré-islâmica e com o propósito de dar autenticidade a sua existência. (p.148).

Ela era apaixonada por seu primo Barrāq ibn Rawḥān¹⁸, mas foi prometida em casamento por seu pai ao príncipe iemenita, filho do rei Amr ben Sahbān. Laylā não aceitou se casar com o príncipe e optou por viver sozinha, logo a chamaram de “^cal-Afifa”, a Casta.

Reza a lenda, que com a ajuda de rei ^cAmr, um príncipe persa a sequestrou. Ele a trancou em seu castelo por rejeitar seus avanços. Do seu cativeiro ela escreveu seu poema mais famoso “Se apenas al-Barrāq pudesse ver”¹⁹, no qual ela pedia para que Barrāq e seus

¹⁴ “لويس شيخو”.

¹⁵ Foi possível encontrar o livro com o título de “*Riyāḍ al-Adab fī Marāṭhī Shawā'ir al-ʿArab* (Jardins Literários dos Lamentos das Poetas Árabes) (Beirute, 1897)” (Site: <https://martha-hammond-msds.squarespace.com/history>; 12/01/2024, 21:01).

¹⁶ “ديوان”.

¹⁷ Cada salida de sol me hace recordar a Sajr, y cuando el ocaso , me acuerdo siempre de él ; Si no fuera por la abundancia de los que lloran alrededor por sus hermanos , me suicidaría ; Ellos no lloran a nadie tan valioso como mi hermano , sin embargo , resigno el alma mía em el consuelo. (Metro: Wāfir; Rima: si)

¹⁸ “براق ابن رَوحان”.

irmãos a salvassem. O poema incitou a coragem de seu povo. Al-Barrāq e seus parentes conseguiram salvá-la, e depois ele e Laylā se casaram.

“Se apenas al-Barrāq pudesse ver” (quatro primeiros versos):

Se os olhos de Barraq pudessem ver...

Na desgraça e sofrimento em que me encontro;

Oh, Kulayb e ^cUqayl, meus irmãos...

Ei, Junayd chore comigo quando choro!(...)²⁰

[Nossa tradução]

No século 20, o poema foi musicado por Mohamed El Qasabgi (alguns de seus versos), e popularizado na voz da cantora Asmahān “cantora síria drusa... que emigrou com seu irmão, musicólogo e cantor Farīd al-Araṣṣ da Síria para o Egito durante a Segunda Guerra Mundial.” (SOBH, 2002: p.119).

¹⁹ لَيْتَ لِلْبَرَّاقِ عَيْنَا.

²⁰ “Ojalá al-Barrāq pueda ver y aliviar lo que sufro de tanto dolor y pesar; ¿Dónde están mis hermanos, Kulayb, ^cUqayl y Yunayd para llorar mi mucho penar?;(...)”. (SOBH, 2002: p.119)

CAPÍTULO II

Comparando a mulher árabe em dois momentos: no período pré-islâmico e nos dias atuais através de um recorte cinematográfico, religioso e social

1 - "E agora, aonde vamos?" (Sinopse - Análise crítica)

O filme, "*E agora, aonde vamos?*", se passa em um vilarejo, numa região remota do Líbano, distante do centro comercial e urbano, cercada por minas terrestres, onde a única passagem para o mundo externo é uma estrada estreita entre dois penhascos, uma "ponte", concreta, real, mas também metafórica fazendo uma alusão à mentalidade humana.

Nesse vilarejo coabitam cristãos e muçulmanos cujos templos religiosos estão situados bem próximos, o que sugere a existência de pequenas rugas entre os homens desse lugar. Existe uma tensão entre os dois grupos. É como um barril de pólvora prestes a explodir a qualquer momento. As mulheres que ali vivem se unem, com ajuda dos líderes religiosos, um padre e um sheikh, para manter a paz daquele lugar; para proteger suas famílias do radicalismo e ignorância dos homens, que tanto já causaram dor. Elas ainda vivem o luto das perdas anteriores, por conta da guerra no Líbano, que inflama esses homens a todo instante.

Entre 1975 e 1990, o Líbano passou por uma sangrenta guerra civil, envolvendo cristãos do Partido Falangista, muçulmanos da Organização para Libertação da Palestina (OLP) e judeus israelenses. Duas invasões do Exército de Israel marcaram as fases mais violentas do conflito: 1978 e 1982. Na segunda, Israel exigia a retirada da OLP de Beirute, capital do Líbano, acordo que só seria firmado no ano seguinte. Até a trégua estabelecida em 1983, centenas de milhares de pessoas morreram, e a capital cosmopolita, Beirute, foi reduzida a ruínas. (Site:<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/fantastico/reportagens/noticia/guerra-do-libano.ghtml>; 21/02/2023, 14h58)

Movidas por esse cansaço do luto, elas põem em prática várias estratégias para tentar mantê-los sob controle e em harmonia, mesmo com as fagulhas das diferenças religiosas e ideológicas. Elas quebram tabus, passam por cima de seus limites, unidas em prol de algo maior. Passam por cima do próprio ego e suas crenças para poder impedir os desastres que a

guerra pode causar: uma mãe que atira na perna do próprio filho para poder evitar uma tragédia maior após ele descobrir a morte do irmão mais novo; mulheres ciumentas que contratam dançarinas ucranianas para criar uma distração para os homens (cheios de testosterona), enquanto elas escondem suas armas; colocam haxixe nos quitutes que são distribuídos durante a apresentação das dançarinas. Com essas distrações, eles esquecem as rusgas momentaneamente e se divertem juntos. O final é ainda mais surpreendente. Uma troca de posições e crenças ocorre entre elas, obrigando seus filhos, maridos e irmãos a fazerem uma escolha entre continuar seguindo pelo mesmo caminho que estavam, ou mudar o rumo da vida que estavam levando.

Nadine Labaki atua em seu próprio filme e o faz de forma sublime. Sua personagem *Amale* acaba sendo o eixo de toda trama sem, no entanto, impedir que as outras personagens femininas tenham seus momentos de protagonismo. Ela aborda de forma suave, cômica e ao mesmo tempo com muita dramaticidade a força das mulheres árabes, o poder da sororidade e o potencial de resolução dos conflitos que as mulheres têm.

O filme pode ser interpretado, na perspectiva deste trabalho, como uma metáfora da transformação da mulher árabe desde o período pré-islâmico. Antes incentivadoras dos conflitos, hoje apaziguadoras na perspectiva do filme. Mas sem deixarem de serem corajosas, fortes, empáticas e ardilosas como desde sempre. Pode-se dizer que elas não perderam a virtude da *murw'a*, mas resignificaram seu uso.

2 - Evolução do pensamento feminino: A mulher como ser pensante, político e social

Antes de tudo, é importante deixar claro o que difere e o que iguala as duas mulheres, a do passado e a do presente, para então, entender a que teremos no futuro. São muitos os detalhes que diferem a mulher árabe pré-islâmica da mulher árabe contemporânea. Apesar de estarem sempre em meio a conflitos/guerras os contextos são outros, mas é perceptível pelo *recorte* que temos dessa sociedade tribal contemporânea, através do filme (pelo menos que podemos inferir da obra de Labaki), é que elas não perderam as qualidades do período pré-islâmico, que a igualava ao homem em bravura, ousadia, coragem, lealdade tribal e hospitali-

dade.

Com certeza, as mulheres árabes hoje sentem muito mais as consequências negativas dos conflitos - se é que há consequências positivas neles - e percebem mais a inutilidade da guerra por entenderem que nada trará as vidas ceifadas de volta: filhos, maridos, irmãos, pais e outras mulheres da família. As sequelas deixadas pelas guerras são muito mais do que poderiam suportar e se negam a continuar sofrendo. Como foram sendo tratadas ao longo do tempo pela sociedade árabe patriarcal, tão opressora para elas, como as sociedades ocidentais a nós, também influenciou na evolução do pensar feminino.

Elas conseguem enxergar soluções mais razoáveis e diplomáticas que poderiam acabar com tais conflitos. Elas se posicionam sobre esses e muitos outros problemas. A sensatez e equilíbrio entre razão e emoção feminina vão a desencontro com a racionalização excessiva e a busca das soluções imediatistas que os homens tentam resolver os problemas dessa região tão conturbada e complicada que é o Oriente Médio.

Hoje, não há espaço para vinganças como era exigido no passado, apesar do sentimento ainda existir, e isso é bem evidente. Hoje, o desejo de grande parte da sociedade é pelo fim dos conflitos, pelo cessar fogo, e que haja justiça pelas perdas, porém não da mesma maneira que era feita no passado.

No passado suas vozes ganhavam mais força e legitimidade no instante do ritual fúnebre, ou ritual de *tahrīd*, porém com a evolução da sociedade árabe, essas mulheres também evoluíram intelectualmente, foram modificando sua visão de mundo, suas percepções, desejos e necessidades, fazendo com que elas não se silenciem ou permitam serem silenciadas, segundo Saadawi (2002) *mulheres que pensam e falam o que pensam*²¹, pelo menos boa parte delas.

Ainda temos uma mulher combatente, mas sem a necessidade de uso de armas. Sua arma é sua voz, sua intelectualidade, seus ideais, sua expressão artística, seus manifestos públicos nas redes sociais ou nas ruas e praças. É fato que uma parcela feminina crescente vem migrando para um pensamento ideológico mais radical e até extremista, servindo de forma ativa a grupos, como o *Hezbollah* no sul do Líbano, ou o *ISIS*²² com braços organiza-

²¹ Em "A face oculta de Eva".

²² Sigla de abreviação do Estado Islâmico.

dos em várias regiões do Oriente Médio, até mesmo dentro do *Hamas*²³, participando de ações armadas ou de inteligência militar. Mas essa parcela não corresponde a grande parte da população feminina no mundo árabe.

Ainda são muitos os conflitos no Mundo Árabe, e eles são motivados por diversas pautas, maiores que uma simples rixa entre diferentes clãs como no passado, ou uma evolução desses conflitos tribais, como já vimos inúmeras vezes no último século, por exemplo, a guerra do Iraque que ainda deixa suas marcas na poluição iraquiana até hoje; e atualmente o genocídio que ocorre na Palestina, por causa da guerra entre Israel e o Hamas. Porém o papel dessas "guerreiras" árabes é muito variado neles. Em alguns momentos veremos sim, as mulheres apaziguadoras, como representadas no filme de Labaki (2011), em outros momentos teremos mulheres prontas a se manifestar junto aos homens, em marcha contra as opressões sofridas pelo povo árabe, na luta pela democracia, pelo direito à liberdade de expressão, por mais direitos civis, como ocorreu na Primavera Árabe²⁴, mulheres que se manifestam, que lutam por seus direitos, que expõem suas opiniões. Há aquelas que clamam, choram e usam sua voz na tentativa de cessar o derramamento de sangue como em Gaza (2023-2024), causado pelos bombardeios que não cessam originados por uma crise geopolítica de décadas e um projeto de aniquilação de uma nação.

²³ Considerado por muitos especialistas e instituições, como grupo de resistência política da Palestina, diferente de outros grupos considerados *terroristas*.

²⁴ A Primavera Árabe teve início na Tunísia em 2010 e se espalhou por outros países árabes como Egito, Iêmen, Líbia, Emirados Árabes, Palestina, entre outros, até o ano de 2012. Foi o início de uma onda de protestos contra regimes corruptos e ditatoriais, e pela luta da democracia.

CAPÍTULO III

Hipóteses para essa mudança de pensamento feminino em relação aos conflitos

Com o surgimento do Islã (Islão) no começo do século VII, na península Árabe, ocorreu também a criação de regras sociais, a partir da premissa muçulmana, o que podemos chamar de uma “doutrina religiosa”, que influenciou na mudança do status quo da sociedade tribal árabe nos primeiros séculos. Com essas novas regras sociais criaram-se também “leis” a fim de estabelecer direitos e deveres universais a uma sociedade que antes não tinha esse tipo de concepção civil, além da murw'a.

Um fato importante é que com o surgimento do Islã, os direitos e deveres das mulheres ficaram muito melhor estabelecidos a fim de protegê-las e evitar certas violações físicas e tratamentos desrespeitosos. Essas violações ocorriam principalmente às mulheres livres e de classes inferiores como as servas (escravas), que não tinham proteção de algum tutor responsável por elas, diferente das mulheres de classe social superior, esposas e parentes de líderes tribais, ou sob responsabilidade de tutores ainda vivos. De certa forma, inicialmente as mulheres eram protegidas pelas leis islâmicas, se levarmos em consideração os princípios islâmicos professados pelo profeta Muḥammad nos primórdios da religião, sem influência de ideologias fundamentalistas que visassem à diminuição considerável do protagonismo feminino no mundo árabe e o silenciamento futuro delas. Lembrando que antes, no período da Jahiliyya, segundo Mussa, tinham uma posição de destaque e poder – apesar das ressalvas sobre "liberdade", "direitos" e "deveres" da mulher pré-islâmica, feitas por Stetkevych - mesmo que não tenha ocorrido de forma hegemônica, assim como hoje, dentro do mundo árabe, é possível observar grandes diferenças em relação aos direitos e deveres femininos.

1- A influência do Islã: o surgimento da nova religião e sua expansão

Um primeiro motivo/hipótese atrelados à nova religião (ou não), que pode ter condicionado ou facilitado esse processo, com o passar do tempo, a ser apresentado é a expan-

são da própria religião, que por consequência facilitou um maior contato dos árabes beduínos, pastores e sedentários com outros povos e suas culturas, fés e costumes, levando-os a agregarem certos comportamentos dessas novas sociedades. Tendo em vista que já haviam tido contato entre parte delas desde muito antes do surgimento do Islã (através da rota comercial que havia se estabelecido há séculos na Península Arábica, e da presença de cristãos e judeus árabes, que já existiam em algumas regiões próximas das tribos, ou nas cidades ao sul, ao norte e na região central da Península, os centros sedentários), mas não de forma tão massiva que fosse suficiente para a mudança de mentalidade e comportamento.

Nos centros sedentários, algumas influências externas da plebe e sobretudo escravos [...] tinham sido conquistados por um cristianismo rudimentar e, num oásis como Yathribl, haviam comunidades judaicas entre agricultores e artesãos. Mas tratava-se de infiltrações localizadas, que não parecem ter penetrado profundamente a mentalidade ambiente, embora atestando os laços que desde então existiam entre a Arábia ou central e os países vizinhos. (SOURDEL, 2011: p.17)

Porém, devemos sim nos ater, levar em consideração ao contexto social em que essa islamização ocorreu em cada região, do fato da religião islâmica ter se espalhado por inúmeras sociedades com realidades completamente diversas umas às outras (sociedades árabes e não árabes), as religiões já existentes em cada região, o fato de o Islã ter surgido há mais de 1400 anos, e quais foram os retornos culturais à comunidade árabe num todo até os dias atuais, sendo ela islâmica, ou cristã, ou judaica, e etc. Temos o caso do Oriente Médio como exemplo,

Ali, a população pré-muçulmana era majoritariamente cristã, com bolsões judaicos, maniqueístas, sabeanos e zoroastristas – religiões que, como também já vimos, tinham muito em comum com o islã. Tais semelhanças naturalmente facilitaram a transição de uma para outra. Como nova religião predominante na sociedade, o islã foi imposto por uma nova elite militar e política, ainda que a conversão individual, em geral, não tenha se dado à força. O islã gradualmente absorveu a grande maioria das populações do Oriente Médio, muito mais do que ele foi assimilado à cultura anterior dessas populações. (DEMANT, 2014: p.102)

É notório que com o passar dos séculos a mistura das religiões e culturas de certa forma foi criando uma cultura única, e ao mesmo tempo plural no Mundo Árabe, e sendo as três principais religiões patriarcais, veio a mudar a postura feminina dentro dessa sociedade. Podemos presumir também, que através do processo de islamização, das rotas comerciais, e

dos processos de colonização por outros povos nos territórios árabes, ocorreu maior contato com o “Ocidente”, que é majoritariamente patriarcal, e como o contato com as culturas eurocêntricas influenciou no processo da “pacificação” e mudança de pensamento das árabes, tendo sido esse processo de mudança de pensamento e comportamento de forma natural ou arbitrária com o passar dos séculos.

2- O surgimento do fundamentalismo religioso, o Islamismo

Outra hipótese para essa mudança de pensamento e comportamento feminino se dá através da *doutrinação religiosa muçulmana*, as interferências ideológicas de grupos ultraconservadores muçulmanos, que foram se criando com o tempo em oposição aos colonizadores ocidentais que com “o impacto imperialista ocidental conseguiu abalar o sentimento de superioridade muçulmana no Oriente Médio. E pelas mudanças socioeconômicas que trouxe consigo” (DEMANT, 2014: p.103), e também em oposição aos seus costumes e influências do modernismo ocidental nos países árabes, e principalmente na região do denominado Oriente Médio. Por essa influência fundamentalista que veio se infiltrando na comunidade muçulmana e na política de lá, criou-se prejuízos à religião e às leis civis e conseqüentemente à sociedade feminina em geral. As leis foram sendo alteradas a fim de favorecer mais os homens que as mulheres, e outras minorias.

Existem hoje mulheres muçulmanas árabes que lidam com certos hábitos religiosos/sociais de forma natural, pois aceitam a doutrina e os costumes da sociedade de forma natural, acreditam que seja o certo, que seja a vontade de Allah, e há as que não aceitam, e vêm lutando contra tais regras, e as entendem como regras sociais que tentam limitá-las e reprimi-las. De fato, onde existem regimes autoritários, comandados por grupos religiosos islâmicos ultraconservadores, como já mencionado anteriormente, as mulheres árabes de qualquer denominação religiosa são obrigadas a submissão dessas tais imposições sociais de forma arbitrária.

Saadawi (2002) afirma que "O feminismo não é uma invenção ocidental", quer dizer que a mulher árabe, desde muito antes dos primeiros movimentos feministas ocidentais já te-

ria sua própria trajetória, com motivações e lutas próprias contra o patriarcado, contra as interpretações errôneas dos fundamentalistas religiosos e do próprio Ocidente, lutas em prol da emancipação, dos seus direitos civis, e contra violações que há séculos elas vêm sofrendo, como a imposição do uso do véu (e suas variações), a obrigação do casamento, a proibição do direito de ir e vir (sair de casa, dirigir e viajar), sem autorização, sem a companhia de um tutor e etc.

Logo, esse processo, o qual pode ter influenciado e levado as mulheres árabes a uma posição inferior aos homens, principalmente no último século, e que com o passar das últimas décadas veio a ser vista e tratada como propriedade masculina dentro da estrutura social árabe - não em todo o mundo árabe, mas em uma parte dele - a ele podemos denominar *fundamentalismo religioso muçulmano*, o qual tem muito mais relação com ideologias políticas “o islamismo”, e nada em comum ao preceitos divinos professados pelo profeta islâmico, e firmados no Corão

A não ser por ilação, o Corão não contém dentro de si um sistema de doutrinas, mas diz aos homens o que deseja que eles façam. É acima de tudo uma revelação da Vontade d’Ele: o que os homens devem fazer para agradá-Lo, e como serão julgados no último dia (...) As ordens e os princípios referem-se tanto aos modos como os homens devem adorar a Deus quanto àqueles como devem agir uns com os outros, mas em certa medida isso é uma distinção artificial, pois os atos de culto têm um aspecto social, e os atos de justiça e caridade são também, num certo sentido, dirigidos a Deus. (HOURANI, 2006: p.45)

É importante deixar claro que a sociedade árabe vai muito além de ser muçulmana²⁵ até porque ela é formada inicialmente por religiões politeístas e monoteístas, e só depois do surgimento do Islã passa a ter seus pilares firmados pelas três principais religiões monoteístas: Judaísmo; Cristianismo; e o próprio Islã. Mas isso varia muito, como já vimos anteriormente, e podemos presumir que vai depender também de qual religião tem maior influência em cada país, logo, ser árabe vai muito além da religião. A sociedade árabe é embalada por traços culturais e costumes que são familiares a qualquer indivíduo religioso ou não, inclusive as mulheres, e ser árabe é muito maior que tudo isso. Ou seja, com a expansão do islã, ser muçulmano não necessariamente é ser árabe, assim como ser árabe não necessariamente é ser

²⁵ “o termo muçulmano refere-se a um fenômeno sociológico, enquanto islâmico diz respeito especificamente à religião” (DEMANT, 2013: p.19).

muçulmano ou muçulmana, podem ser árabes cristãos, árabes judeus, ou até árabes ateus. Também é importante salientar que o próprio Islã, assim como o Cristianismo, o Judaísmo, e tantas outras religiões pelo mundo, possui várias vertentes ideológicas, ou *escolas*, segundo teóricos especialistas no tema, mas isso é um assunto que não pretendo me aprofundar por agora.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de muito analisar o *corpus* desta pesquisa, os vários textos lidos e relidos foi possível chegar a uma conclusão preliminar, que mesmo com linhas teóricas diferentes, com visões e percepções antagônicas sobre o papel e a importância da mulher no Mundo Árabe, nos conflitos dessa região, seja esse papel no passado ou no presente, há um senso comum a respeito da força e da bravura que compartilham essas mulheres em todos os momentos históricos. A *murw'a* tão falada no primeiro capítulo deste trabalho, ainda permanece viva dentro delas. Independente das limitações e barreiras encontradas por elas dentro da sociedade árabe, dos sofrimentos vividos, nas tentativas de silenciamento que sempre tentaram pará-las, elas continuaram atuantes de forma persistente e resiliente, ardilosas e astutas para contornar, lidar e combater os conflitos já não mais necessários, conflitos esses com motivações mesquinhas e em busca do poder e sede de dominar do homem “civilizado” contemporâneo. E talvez ele sim tenha perdido a *murw'a*, os códigos de civilidade. Essas mulheres possuem muito mais bravura e honra que grande parte da sociedade masculina, pois caso contrário não seria fácil lidar com tantas tentativas de controle por parte deles como elas vêm lidando e lutando até hoje.

Apesar da comédia dramática “*E agora, aonde vamos?*” não retratar a sociedade árabe em seu contexto amplo²⁶, e nos apresentar apenas um fragmento, através de uma lente de aumento, mostra como as mulheres são capazes de traçar novos rumos por sua **capacidade de articulação, união, inteligência e sensatez**. Os homens acreditam que a solução dos problemas está na guerra, no conflito armado. As mulheres conseguem entender que é preciso buscar outras maneiras de reivindicar a justiça, o cumprimento dos direitos civis, sem a necessidade do derramamento de sangue, como ainda ocorre, mesmo depois de tantos séculos, mesmo com tantos exemplos de que o derramamento de sangue não é a resolução dos problemas específicos da sociedade árabe.

Logo, presume-se que, apesar de ocorrer uma mudança de pensamento e postura da mulher na sociedade árabe, o apaziguamento vai acontecer de diversas formas, mesmo que em determinados momentos ela não pareça tão pacífica e sim combatente. E Como dito em ou-

²⁶ A sociedade árabe é plural, multifacetada e cheia de ramificações, assim como qualquer outra sociedade.

tros momentos deste trabalho, a sociedade árabe não é homogênea e sinfônica, e por sua vez, o *ser* e a *consciência feminina* também não será homogêneo e sinfônico. A mulher árabe tem muitas faces e não podemos enxergá-la com o velho olhar orientalista.

É importante deixar claro que este trabalho não teve o objetivo de abordar todos os conflitos existentes no território árabe, e nem se aprofundar neles, também não tem o intuito de apresentar a história das religiões citadas aqui, ou aprofundar-se sobre a história do povo árabe, mas foi necessário passear por tais assuntos para chegarmos ao tema principal O PAPEL DA MULHER ÁRABE NOS CONFLITOS: DE INCENTIVADORA À APAZIGUADORA e criar um norte para a pesquisa. Por questões de tempo, estrutura estética do tipo de trabalho, da amplitude do próprio tema, as conclusões depreendidas até então não pretendem ser definitivas, visto que pode haver posteriormente novas percepções em uma nova pesquisa sobre tal tema.

Referências bibliográficas

CHEIKHO, Louis. Kitāb Shu'arā' al-Naṣrāniyya, 1890.

DEMANT, Peter. O mundo muçulmano. 3. ed. – São Paulo : Contexto, 2013.

EL-SAADAWI, A Heroína na Literatura Árabe, 2002.

HOURANI, Albert, Uma história dos povos árabes, 2006.

MUSSA, Alberto. Virilidade feminina, 2003.

MUSSA, Alberto. Os Poemas Suspensos, 2006.

SOBH, Mahmud. Historia de la literatura árabe clásica. Cátedra: Madrid, 2002.

SOURDEL, Dominique, História do povo árabe, 2011.

STETKEYVYCH, Suzanne Pinckney. The Mute Immortal Speak: Pre-Islamic Poetry and the Poetics of Ritual, 1993.

E AGORA, aonde vamos?. Nadine Labaki, França, Líbano, Egito, Itália, Catar, 2011.

Guerra do Líbano, Memória Globo. Disponível em:

<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/fantastico/reportagens/noticia/guerra-do-libano.ghtml>; (Acesso em 21/02/2023)

If only al-Barrāq had an eye to see, Layla The Chaste, Martha Hammond, Squarespace.

Disponível em: <https://martha-hammond-msds.squarespace.com/if-only-albarraq-could-see-english>; (Acesso em 12.01.2024)

Layla The Chaste, Martha Hammond, Squarespace. Disponível em: <https://martha-hammond-msds.squarespace.com/history>; (Acesso em 12/01/2024)

Referências bibliográficas sugeridas:

O livro dos poetas árabes nos tempos pré-islâmicos e no Islã, Biblioteca abrangente.

Disponível em: <https://shamela.ws/book/21508/24>; (Acesso em 25/02/2022)

El-Hansâ' Bint 'Amr: Eski Arap Şiirinde Öncü Bir Mersiye Şairi Hanım, Fen Edebiyat Fakültesi Doğu Dilleri ve Edebiyatları Bölümü Arap Dili ve Edebiyatı Anabilim Dalı, Kafkas Üniversitesi. Disponível em: <https://mutefekkir.aksaray.edu.tr/mutefekkir/article/view/413>; (Acesso em 01.03.2022)

Layla bint Laila bint Lukaiz, Si los ojos de Barraq pudieran ver, Revista Literária Taller Igitur. Disponível em: <https://tallerigitur.com/poesia/laila-bint-lukaiza-arabia-si-los-ojos-de-barraq-pudieran-ver-traduccion-de-margari/8688/>; (Acesso em 01.03.2022)